



Revista de Administração e Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Administração: Ensino e Pesquisa

ISSN: 2177-6083

ISSN: 2358-0917

raep.journal@gmail.com

Associação Nacional dos Cursos de Graduação em
Administração
Brasil

Rodrigues, Eduardo Ribeiro; Matias, Alberto Borges
Ensino em Administração: proposta do conteúdo programático da área de Finanças
Administração: Ensino e Pesquisa, vol. 17, núm. 2, 2016, Maio-, pp. 245-274
Associação Nacional dos Cursos de Graduação em Administração
Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=533560872002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

UABM redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

ENSINO EM ADMINISTRAÇÃO:
PROPOSTA DO CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
DA ÁREA DE FINANÇAS

TEACHING ADMINISTRATION:
PROPOSAL OF THE PROGRAM CONTENT

Recebido em: 19/01/2016 • Aprovado em: 31/03/2016
Avaliado pelo sistema double blind review
Editora Científica: Claudia Stadtlober
DOI 10.13058/raep.2016.v17n2.403

EDUARDO RIBEIRO RODRIGUES eduriro@gmail.com

INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO

ALBERTO BORGES MATIAS

FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE DE RIBEIRÃO PRETO
DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

RESUMO

As Diretrizes Curriculares Nacionais do MEC definem as áreas específicas dos conteúdos de formação profissional que devem ser contempladas na organização curricular dos cursos de graduação no Brasil. Porém não sugerem ou detalham quais conteúdos devem ser oferecidos em cada área. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é propor o conteúdo programático para a área temática de Finanças nos cursos de graduação em Administração. Para o alcance desse objetivo, foram analisados as matrizes curriculares e os planos de ensino das disciplinas de Finanças dos cursos de graduação em Administração, com as melhores notas no ENADE. Com base nesse levantamento, foram elaboradas sete disciplinas com os conteúdos de formação profissional da área, totalizando 560 horas/aula, distribuídas na matriz curricular e de acordo com os seus objetivos: apresentação das finanças corporativas e das finanças pessoais, decisões financeiras de curto e longo prazo, análise econômica financeira, planejamento financeiro e estratégias financeiras.

Palavras-chave: Finanças; Ensino Superior; Graduação em Administração.

ABSTRACT

The National Curriculum Guidelines established by MEC (Brazilian Ministry of Education), define the specific areas of vocational training content that should be included in the curricular organization of undergraduate courses in Brazil, without suggesting or detailing which content should be offered in each area. In this sense, this study aims at proposing the course syllabus for the financial area for the undergraduate courses of Management. To achieve this goal, the curriculum matrices and the teaching plans of the financial discipline of the undergraduate courses on Management with the highest grades in ENADE were analyzed. Based on this survey, seven disciplines were elaborated with the professional qualification contents of the area, with 560 hours/class in total, distributed in the curriculum matrix, according to their goals: presentation of corporate finance and personal finance, short and long-term financial decisions, financial economic analysis, financial planning, and financial strategies.

Keywords: Finances; Higher Education; Undergraduation Management course.

INTRODUÇÃO

Finanças é um tema empolgante, desafiador e em constante evolução. Surgiram como campo de estudo no início de 1900, uma vez que, até essa data, eram consideradas como parte dos estudos de Economia. Desde então, vêm passando por uma evolução técnica e conceitual, assim, ajustando-se às oscilações da economia, ao desenvolvimento das organizações, da complexidade dos negócios e das operações de mercado.

As finanças corporativas, segundo Assaf Neto (2010), incorporaram em seu escopo as grandes evoluções do mundo contemporâneo, desse modo, elevando sua importância para as empresas e exigindo maior especialização e atualização do administrador financeiro.

A atividade principal do gestor dos recursos financeiros de uma empresa envolve dois tipos de decisões: a decisão de investimento, direcionada à aplicação do capital em busca de retornos futuros, e a decisão de financiamento, que diz respeito à captação e à composição das fontes de financiamento.

Uma vantagem da área de Finanças é a variedade de caminhos possíveis que um profissional pode traçar em sua carreira. O mercado de capitais, por exemplo, é um dos campos que tem sido muito procurado por jovens profissionais no Brasil, atraídos pela perspectiva de boa remuneração variável (CHEROBINO, 2012).

A área de Finanças, também, vem ganhando destaque, nos últimos anos, nas empresas, pois passou a ser percebida como parte estratégica da geração de receitas e da busca por resultados, nesse sentido, englobando áreas como auditoria, controladoria, tesouraria, contabilidade e planejamentos financeiro e estratégico (COSTA, 2014).

O conhecimento financeiro, também, pode ser útil aos profissionais que se especializaram em outras áreas de gestão porque muitas das decisões de negócios apresentam implicações financeiras. Os executivos não financeiros devem, terminantemente, saber o suficiente dessa área para trabalhar com essas implicações dentro da análise de sua especialidade. Por isso, todo estudante de administração, qualquer que seja sua especialidade, deve se preocupar com finanças (WESTON; BRIGHAN, 2004).

Uma estrutura curricular bem-definida fornece aos futuros bacharéis visão sistêmica do ambiente empresarial, o que relaciona os conteúdos da área financeira com os conteúdos das demais áreas de negócios, desse modo, contribuindo com sua formação profissional.

Diante desse cenário, o ensino de Finanças será avaliado, para tanto, utilizando como referência os cursos de graduação em Administração. Esse curso será analisado, pois, além de propor a oferta de conteúdos relacionados à área em suas diretrizes curriculares, precisa, também, atender à necessidade de conhecimento financeiro pelos futuros administradores, independente de se especializarem em Finanças ou em outras áreas de negócios.

Entretanto as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) do MEC definem as áreas específicas dos conteúdos de formação profissional que devem ser contempladas na organização curricular dos cursos de graduação no Brasil, mas não sugerem ou detalham quais conteúdos devem ser oferecidos em cada uma dessas áreas.

Sem detalhamento, os conteúdos podem ser distribuídos, entre as várias disciplinas do curso, sem um padrão específico, que pode ser definido de acordo com a formação e a experiência dos professores responsáveis pela disciplina ou conforme determinação da coordenação do curso.

Alguns conteúdos poderão ter maior aprofundamento, outros poderão ser tratados de maneira mais superficial, ou nem mesmo serem oferecidos. A falta de determinação, pelo MEC, de um currículo mínimo para a área de Finanças pode levar a uma definição inadequada daquilo que deve ser abordado, o que faz com que alguns conteúdos sejam privilegiados em relação a outros (MATIAS, 2007).

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é propor o conteúdo programático para a área temática de Finanças nos cursos de graduação em Administração. Para o alcance desse objetivo, foram analisados as atuais matrizes curriculares e os planos de ensino das disciplinas de Finanças dos cursos de graduação em Administração melhor classificados no ENADE (Exame Nacional de Desempenho de Estudantes) 2012.

EVOLUÇÃO DO ENSINO DE FINANÇAS

Os estudos sobre Finanças empresariais começaram por volta do início do século xx, com o desenvolvimento dos mercados nacionais dos EUA, consequência da construção das redes transcontinentais ferroviárias e do grande número de fusões que aconteceram na época.

Segundo Solomon (1966), em sua forma original, as finanças corporativas eram essencialmente um ramo especial da economia institucional. Seu objetivo era explicar e descrever o complexo desenvolvimento das instituições e as práticas por meio das quais as empresas captam recursos no mercado de capitais.

Com a crescente demanda por mais trabalhos no campo da economia prática, que se desenvolveu no início do século xx, e com o rápido crescimento das escolas de Administração de Empresas, uma série de cursos adicionais no campo das Finanças foi desenvolvida (MOULTON, 1921).

A primeira obra tratando exclusivamente sobre Finanças foi escrita em 1897, por Thomas L. Greene, com o título “*Corporation Finance*”. Nesta obra, o Sr. Greene prestou um valioso serviço para todos os estudantes de Economia e de desenvolvimento corporativo, por meio da formulação e apresentação concisa dos princípios que governam a empresa financeira moderna. Sua experiência como escritor financeiro e como funcionário corporativo, preparou-o para esse trabalho notável que foi muito benfeito (CROWELL, 1897). Após essa obra, a área de Finanças passou por um avanço significativo com as publicações do professor Arthur Stone Dewing, intituladas “*Corporate Promotions and Reorganization*”, em 1914, e “*The Financial Policy of Corporations*”, em 1919.

Essa última, segundo Van Horne (1974), reuniu todo o pensamento financeiro, propondo novas ideias de maneira acadêmica e estabelecendo o padrão do ensino de Finanças por vários anos, denominado de abordagem tradicional. Essa abordagem partia da perspectiva de um indivíduo que não pertencente à firma – um fornecedor de fundos ou um investidor –, assim, não dando ênfase à tomada interna de decisões na empresa (VAN HORNE, 1974).

No início da década de 1950, de acordo com Archer e D’Ambrósio (1969), surgiu uma segunda abordagem no estudo de Finanças, segundo

a qual, as operações de rotina diária passam a ser o centro da atenção, denominada abordagem administrativa. Os processos internos, como estimativas de orçamentos de caixa, controle dos valores a receber, análise de compras e controle de estoques, receberam maior destaque e atenção, consequentemente, ampliando o espaço dos gestores financeiros.

Em 1953, os professores Bion B. Howard e Miller Upton publicaram “*An Introduction to Business Finance*”. Esse livro difere consideravelmente na abordagem dos conteúdos dos livros mais utilizados em Finanças, procurando corrigir o que os autores definem como defeitos no tratamento tradicional, ou seja, o foco nos problemas financeiros (BOSLAND, 1953).

Ainda no início da década de 1950, surge uma terceira abordagem, com ênfase à participação da teoria econômica nos estudos das finanças das empresas, com a publicação do professor Joel Dean “*Capital Budgeting*”, em 1951. Essa obra é uma aplicação da teoria econômica formal para as decisões empresariais sobre investimentos internos e seu financiamento, tendo influência sobre o desenvolvimento do que hoje é conhecido como orçamento de capital (ROBERTS, 1957). Em 1963, Ezra Salomon publica a obra “*The Theory of Financial Management*”, que contribui com a divulgação dessa nova abordagem, condensando a teoria econômica aplicada às finanças empresariais. O enfoque da obra é a análise detalhada da seleção de projetos de investimento com relação ao custo das várias formas de fundos de capital, assim, considerando como critério a maximização do valor presente líquido da empresa (CUNNINGHAM, 1964).

Em 1950, a *American Finance Association* (AFA)¹ conduziu um debate com professores da área financeira, com vasta experiência no ensino de graduação, para discutir alguns temas, entre eles, quais deveriam ser os objetivos de um curso de Finanças. O resultado desse debate foi publicado, em quatro partes, na edição de setembro de 1950 do *The Journal of Finance*.

Como síntese do debate, Upton (1950) afirma que dois objetivos foram fortemente realçados: o da formação profissional, descrito como preparação

1 Fundada em 1939, na Filadélfia (EUA), a AFA é uma organização acadêmica dedicada ao estudo e à promoção do conhecimento em economia financeira.

para a vida empresarial, e o ensino geral, como preparação para a vida social. Esses objetivos são necessariamente regidos por determinados fatores, tais como os objetivos educacionais da universidade, o tamanho das classes, a experiência, a formação e a carga de trabalho do professor.

Após a Segunda Guerra Mundial, houve uma séria insatisfação no tocante à estrutura e ênfase do conteúdo tradicional. A necessidade da mudança de ênfase e conteúdo após esse período pode ser atribuída a um declínio na importância do financiamento de longo prazo em relação ao financiamento de curto prazo e da gestão de capital de giro (SOLOMON, 1966).

Essa insatisfação levou ao desenvolvimento de um conjunto significativo de materiais que lidam com a análise e gestão de ativos e passivos circulantes, levando à divisão do curso básico em duas partes iguais: uma, cobrindo os aspectos relacionados ao capital de giro, e outra, relativa ao conteúdo mais tradicional de financiamento externo de longo prazo.

A quantidade e a qualidade da informação disponível na época, também, contribuíram para as mudanças no ensino das Finanças. A evolução no ensino se tornou possível por causa das enormes melhorias nas fontes de informação, como a melhoria nos relatórios corporativos, mais informações sobre mercado de capitais, a comunicação de dados de agências governamentais e, finalmente, um desenvolvimento substancial de princípios contábeis que dão credibilidade e confiabilidade aos relatórios financeiros (WALKER, 1966).

Muitas vezes, há grande diferença entre o que os executivos e docentes de Finanças enxergam como currículo ideal. Com base em pesquisas com banqueiros, diretores financeiros de empresas e docentes dessa área, Demong, Pettit e Campsey (1979) sugeriram que um currículo de Finanças deve acentuar a comunicação e as habilidades das pessoas, bem como as habilidades analíticas. Os autores concluíram que os docentes acreditam que há necessidade crescente de habilidades quantitativas e em informática, enquanto os profissionais de mercado enfatizam pessoas e habilidade de comunicação.

Chang (2005) questiona quais as teorias e os modelos que devem ser ensinados aos alunos de Finanças. Segundo o autor, os livros-textos apresentam diversos temas em comum e o docente tem de determinar

a extensão e a profundidade da abordagem, o nível de dificuldade e a metodologia para ensinar cada tema.

Uma maneira de melhorar a experiência de aprendizagem dos estudantes de Finanças, segundo Lai et al. (2009), é por meio de um curso bem-estruturado que inclua currículos bem-definidos, programa de estágio, estudo de caso, uso de ferramentas *on-line* e *software* de análise financeira.

Outros trabalhos foram publicados ao longo dos anos, apresentando sugestões de melhorias no ensino de Finanças, abordando os seguintes aspectos: discussões sobre o ensino de determinados conteúdos da área, a metodologia utilizada em sala de aula, a percepção do aluno no tocante ao ensino e a relação teoria x prática. Alguns desses trabalhos serão apresentados a seguir.

TRABALHOS SOBRE O ENSINO DE DETERMINADOS CONTEÚDOS DE FINANÇAS

A área de Finanças é ampla e seu ensino contempla diversos conteúdos, que abordam grandes temas como mercado financeiro e finanças corporativas. Os estudos direcionados ao tema de investimentos, por exemplo, ganharam destaque a partir da década de 1960. Isso aconteceu, segundo Wendt (1966), devido ao elevado número de investidores no mercado de ações e à necessidade de qualificação dos profissionais que atuam nessa área.

O ensino dos diversos conteúdos relacionados a esse tema foi objeto de publicação, como oferta de fundos, negócios financeiros e mercado de capitais (WENDT, 1966); preço de uma ação e sua representatividade no valor presente do fluxo futuro de dividendos e seleção de portfólios como principal técnica utilizada na gestão de riscos (SHELTON, 1966); aplicação adequada do modelo de desconto de dividendos de crescimento constante (PAYNE; FINCH, 1999); e ineficiência de investimentos, decorrente de conflitos de agência (PINDADO, 2003).

O ensino de outros conteúdos relacionados às finanças corporativas, também, foram abordados. Ramirez (2009) enfatiza que o currículo tradicional de finanças corporativas, oferecido pelas escolas de negócio, dá pouca importância a elementos comportamentais, chamando atenção para a necessidade do conteúdo de Finanças Comportamentais. Esse conteúdo tem

como objetivo básico estudar como os indivíduos tomam as suas decisões de investimentos.

O modelo de precificação de ativos (CAPM) é um método utilizado na mensuração do custo do capital próprio e apresenta a relação entre o risco de mercado e o retorno esperado das ações de uma organização. Quanto a esse conteúdo, Finch, Fraser e Scheff (2011) apontam que a interpretação dessa relação é tratada de forma diferente entre os livros didáticos de administração financeira. Nesse sentido, desenvolveram duas ferramentas, uma equação e um gráfico, que ilustram como os diferentes níveis de risco beta traduzem o retorno esperado.

A estimativa de fluxos de caixa de uma empresa e sua utilização na elaboração do orçamento de capital, também, são conteúdos abordados nas disciplinas de Finanças corporativas. No entanto, dependendo da fonte de referência, o fluxo de caixa de uma empresa pode ser definido de forma diferente, muitas vezes, criando confusão para os alunos. Nesse sentido, Datar e Emm (2014) fornecem uma referência concisa para os principais blocos de construção da análise do fluxo de caixa descontado a ser usados como um auxílio no ensino por docentes de Finanças.

Um tema que vem ganhando grande relevância na literatura financeira é a governança corporativa. No entanto Mallin, Pindado e Torre (2005) afirmam que, com algumas poucas exceções, o tema está incorporado nos currículos de graduação em Educação e que nenhum deles vai mais além em suas implicações para as finanças corporativas. Nesse trabalho, os autores analisaram as características fundamentais da governança corporativa (sistema jurídico, mercados de capital e estrutura de propriedade) e seus efeitos no ensino de Finanças.

E, de forma a contribuir com o aprimoramento do ensino de Finanças, nas escolas de brasileiras de Administração, Ghisi, Famá e Pimenta (2001) propõem uma estrutura didática para disciplinas que envolvam os temas de economia e finanças internacionais.

TRABALHOS SOBRE METODOLOGIAS DE ENSINO EM FINANÇAS

A qualidade do ensino dos conteúdos apresentados anteriormente é

influenciada pela metodologia utilizada em sala de aula. A procura por adequações e inovações nos métodos de ensino tradicionais vem sendo realizada com o intuito de que o processo de ensino e aprendizado possa ser implementado pelos docentes para a obtenção de melhores resultados no âmbito da formação de novos profissionais (MOREIRA; FONTENELE, 2011).

E muitas são as contribuições para o ensino dos conteúdos de Finanças. Uma metodologia amplamente utilizada nos cursos de graduação e pós-graduação é o estudo de caso. Sua aplicação envolve o desenvolvimento de uma atividade específica, direcionada ao processo de aprendizagem (BRUNER et al., 1999).

Para usar uma abordagem baseada em estudos de casos, o docente deve acreditar que analisar experiências reais é uma forma melhor para se aprender Finanças em relação à utilização de outra metodologia (GRADDY, 2004). Algumas publicações apresentam a importância da utilização do estudo de caso nas disciplinas da área financeira, assim, mostrando diferentes aplicabilidades do método (BRIGHAM et al., 1972; EITEMAN; SMITH, 1974; GITMAN; LEWIS; YATES, 1987).

Simkins (2001) sugere a utilização de estudos de casos “ao vivo”, em que os alunos devem analisar um problema atual e real e atuar como consultores, nesse sentido, apresentando suas análises e recomendações para os executivos de empresas.

Além do estudo de caso, outras metodologias foram sugeridas. Coval, Gadzik e Stafford (2007) descrevem como simulações interativas do mercado são usadas para ensinar Finanças no curso de mercados dinâmicos na *Harvard Business School*.

Nessa mesma linha, Kazemi (2015) apresenta os benefícios da integração do sistema *Bloomberg* no ensino de economia nas aulas de Finanças. Segundo o autor, essa metodologia difere de métodos tradicionais de ensino, trazendo os alunos para o laboratório do mundo real por meio da utilização de notícias e dados em tempo real.

Dadas as dificuldades enfrentadas pelo Ensino Superior de proporcionar uma experiência internacional significativa para estudantes de negócios, Grossmann et al. (2014) sugerem um projeto transatlântico que exija dos

alunos do curso de Negócios o uso de videoconferência para resolver problemas financeiros do mundo real. Mahar e Paul (2010) apontam o exemplo da área de esportes para ensinar Finanças e Economia, assim, criando um elo entre o conhecido (esportes) e o desconhecido (finanças corporativas).

Moreira e Fontenele (2011) desenvolveram um simulador empresarial com o objetivo de reduzir a distância, muitas vezes, encontrada, tanto entre os alunos e os professores quanto entre a teoria e a prática, no ensino de Finanças.

Graham (2011) leciona que diversos estudantes acreditam que muito do que aprendem em sala de aula é “teoria” acadêmica, não tendo aplicabilidade prática no seu local de trabalho, o que torna irrelevante o conteúdo da disciplina. Nesse sentido, o autor sugere a utilização de pesquisas com executivos financeiros no ensino dessa área.

O ensino eficaz deve envolver os alunos e ajudá-los a ver e fazer conexões entre o conteúdo da disciplina e sua vida. Vitehlic (1996) propõe que o ensino de Finanças Pessoais deve preceder os conteúdos introdutórios de Administração Financeira no currículo de graduação de Negócios. O autor ressalta a importância da inclusão de práticas reflexivas, que oferecem aos alunos a oportunidade de praticar e refletir usando suas próprias circunstâncias de vida, das suas famílias e dos seus amigos.

TRABALHOS SOBRE O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Apesar de a metodologia utilizada pelos docentes contribuir com a qualidade do ensino, existem outros fatores que influenciam o processo de aprendizagem dos alunos, em relação às disciplinas de Finanças.

Alguns fatores como motivação, frequência às aulas, ensino das disciplinas de pré-requisito, tipo de instituição de ensino e a quantidade de créditos (horas) por semestre interferem no desempenho dos alunos nas disciplinas dessa área (DIDIA; HASNAT, 1998; TRINE; SCHELLENGER, 1999; CORDEIRO; SILVA, 2012; GOMES; NOGUEIRA; MOL, 2013).

Azevedo et al. (2012), também, concluíram que o conhecimento técnico, a relevância teórica/prática, o interesse em uma carreira na área e a

qualidade docente sob a ótica discente influenciam o interesse dos alunos de Administração pelas disciplinas de Finanças.

Krishnan et al. (1999) examinaram as diferenças de percepções e expectativas entre os estudantes das disciplinas de Finanças nos cursos de graduação de três escolas norte-americanas. Concluíram que, apesar de um grupo de estudantes considerar as disciplinas de Finanças interessantes e úteis, outro grupo apresentou percepções negativas, em função de alguns fatores como o nível de dificuldade da teoria e a orientação quantitativa da disciplina.

Especificamente nos cursos de graduação em Administração de Empresas, Gomes, Nogueira e Mol (2013) estudaram as concepções e atitudes dos alunos desse curso em relação à disciplina de Administração Financeira e concluíram que as atitudes dos alunos estão fortemente ligadas à sua percepção de aprendizado.

Após avaliar 1.452 alunos que, também, frequentaram a disciplina de Administração Financeira, Raehsler et al. (2012) concluíram que existe uma forte ligação teórica e quantitativa entre as disciplinas de Matemática, Economia e Contabilidade e a nota final dos alunos nessa disciplina.

TRABALHOS RELACIONADOS ÀS DIFERENÇAS ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA DE FINANÇAS

Outro ponto importante é o diálogo permanente entre docentes e gestores financeiros. A interação da academia e da prática em Finanças pode ser mutuamente benéfica. Por exemplo, o uso de procedimentos práticos da área financeira nas universidades pode melhorar a gestão e a organização da educação. O diálogo, igualmente, pode ser útil na elaboração de agendas acadêmicas de pesquisa, cursos e programas de ensino (AGGARWAL, 1993).

Weaver (1993) buscou identificar as principais diferenças de perspectiva entre docentes e profissionais de finanças. Segundo o autor, o docente estuda principalmente modelos, já o profissional está mais preocupado com os pressupostos que vão para a modelo.

Lundsten et al. (1993) realizaram uma pesquisa com 59 profissionais da área financeira em que foi solicitada a opinião sobre a relevância dos periódicos acadêmicos para seus respectivos empregos, os autores concluíram que o

processo de publicação reduz o interesse dos profissionais em pesquisas acadêmicas devido ao lapso de tempo entre os resultados da investigação e a sua publicação.

Nesse sentido, Trahan e Gitman (1995) afirmam que os profissionais de finanças possuem pouco interesse nas pesquisas acadêmicas em finanças corporativas. Outras pesquisas analisaram a opinião de profissionais da área financeira, assim, confirmando a existência de uma lacuna entre a teoria e a prática. (RAMIREZ; WALDMAN; LASSER, 1991; PETRY; SPROW, 1993).

Graham e Harvey (2001) pesquisaram 392 executivos financeiros norte-americanos a fim de identificar quais metodologias estão sendo utilizadas, na prática, na avaliação do orçamento e da estrutura de capital das organizações. Concluíram que os executivos utilizam as técnicas apresentadas nas escolas de negócios, como o Valor Presente Líquido (VPL) e o CAPM, mas são menos propensos a seguir alguns pontos teóricos em relação à determinação da estrutura de capital.

Em trabalho semelhante, Brounen, Jong e Koedijk (2004) pesquisaram o nível de utilização de conceitos teóricos na prática, por 313 executivos financeiros do Reino Unido, Alemanha, Holanda e França. Entre suas conclusões, identificaram que existem diferenças relevantes entre pequenas e grandes empresas na utilização dos conceitos de administração financeira.

Segundo Graham (2011), existe uma considerável sobreposição entre as competências e os conceitos fundamentais que um profissional de finanças utiliza no trabalho e os conceitos ensinados em sala de aula. O autor sugere a utilização de pesquisas com executivos e profissionais da área para ensinar finanças corporativas. Ao mostrar a realidade profissional, é mais fácil motivar e mostrar ao aluno a importância do assunto para sua carreira futura.

Nesse sentido, é importante o papel dos docentes no desenvolvimento e na melhoria das estruturas conceituais que ajudam a prática financeira, ajustando-se às mudanças das metas empresariais e do meio ambiente, de modo a diminuir a distância percebida entre a teoria e a prática.

METODOLOGIA

Quanto à abordagem do problema, recorreu-se à pesquisa qualitativa, complementada pela pesquisa quantitativa. Segundo Malhotra (2001), as pesquisas qualitativas e quantitativas não são excludentes, mas, sim, complementares.

A abordagem qualitativa, segundo Oliveira (2001), possui a facilidade de poder descrever a complexidade de uma determinada hipótese ou problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos experimentados por grupos sociais. E, na abordagem quantitativa, a proposta é quantificar dados com o emprego de recursos e técnicas estatísticas, desde os mais simples até os de uso mais complexo (OLIVEIRA, 2001).

Quanto aos procedimentos, a pesquisa é caracterizada pela pesquisa documental, que, segundo Gil (2002, p. 45), “vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos de pesquisa”. No caso deste trabalho, foram utilizados as matrizes curriculares e os planos de ensino das disciplinas dos cursos selecionados.

Para a coleta dos dados, primeiro, foi necessário definir quais as Instituições de Ensino (IES) que ofereciam cursos de graduação em Administração que seriam pesquisadas. Foi definido como critério de seleção o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade). Esse exame está integrado ao Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes) e mensura o desempenho dos estudantes em relação aos conteúdos programáticos previstos nas diretrizes curriculares do respectivo curso de graduação.

Cada curso é classificado em conceitos que vão de um a cinco. Cursos com conceito três serão aqueles que atendem plenamente os critérios de qualidade para funcionarem. Da mesma forma, cursos com conceito cinco serão cursos de excelência, devendo ser vistos como referência pelos demais (BRASIL, 2015).

Dessa maneira, foram selecionados os cursos com conceito quatro e cinco, no ENADE de 2012, uma vez que podem ser considerados cursos de referência segundo o MEC. Os cursos foram levantados com base em uma planilha com os dados do exame, disponível no *site* do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2015).

Primeiro, foram selecionados os cursos de Administração avaliados, totalizando um universo de 1.704 cursos. Em seguida, filtrou-se, somente, os cursos com conceito quatro e cinco, totalizando 305 instituições (17,9% do total). A Tabela 1 resume a categoria administrativa das IES analisadas.

Tabela 1 Categoria administrativa das IES selecionadas para a pesquisa

Conceito	Públicas	Privadas	Total
4	59	153	212
5	34	59	93
Total	93	212	305

Ainda, foram acrescentados os cursos de duas instituições que não participaram do ENADE 2012, mas que obtiveram nota máxima no Provão 2003 (Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade – FEA-USP e Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto – FEA RP-SP), totalizando 307 cursos.

Em seguida, foram verificados se nos *sites* dessas instituições estavam disponíveis ao público a matriz curricular, os planos de ensino e os *e-mails* dos coordenadores de curso, com o objetivo de levantar informações sobre as disciplinas da área temática de Finanças.

Dos 307 cursos selecionados como amostra, 281 disponibilizam a matriz curricular, sendo que, desse total, 100 disponibilizam os planos de ensino, permitindo a análise das três categorias, e 26 não fornecem nenhum tipo de informação.

Com base na matriz curricular divulgada no *site*, foi enviado um *e-mail* aos coordenadores dos 181 cursos restantes solicitando os planos de ensino das disciplinas da área de Finanças. Desse total, 46 coordenadores enviaram os planos.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

As DCN não definem um critério mínimo ou padrão para a oferta dos conteúdos em relação a disciplinas, período e carga horária, que possa ser comparado e avaliado como adequado ou não. Nesse sentido, este levantamento teve o objetivo de verificar como esses itens estão sendo

oferecidos nos cursos selecionados. O resultado foi utilizado como base na proposta dos conteúdos programáticos da área de Finanças.

Para análise dessa etapa, foram obtidos dados completos ou parciais de 281 instituições das 307 selecionadas. Nesse ponto, foi possível identificar algumas diferenças com relação às disciplinas oferecidas nos cursos de Administração, tais como nomenclatura, quantidade, carga horária e período de oferecimento das disciplinas.

Foram encontradas 1.252 ocorrências, sendo 252 disciplinas com diferentes nomenclaturas. A Tabela 2 apresenta o resumo com as nomenclaturas mais utilizadas e que representam 50% do total observado.

Tabela 2 Nomenclatura das Disciplinas

Disciplinas	Frequência	%	Cursos que oferecem a disciplina
Matemática Financeira	214	17%	76%
Administração Financeira	68	5%	24%
Administração Financeira I	64	5%	23%
Administração Financeira II	60	5%	21%
Mercado de Capitais	59	5%	21%
Orçamento Empresarial	45	4%	16%
Administração Financeira e Orçamentária I	40	3%	14%
Análise das Demonstrações Contábeis	40	3%	14%
Administração Financeira e Orçamentária II	35	3%	13%
Outras	627	50%	
Total	1.252	100%	

A disciplina de maior ocorrência é Matemática Financeira, com 17% do total das ocorrências e oferecida em 76% dos cursos analisados. Em seguida, destacam-se as disciplinas Administração Financeira, Administração Financeira I, Administração Financeira II e Mercado de Capitais, com 5% do total das ocorrências.

Quanto à distribuição dos conteúdos, foi possível observar um padrão somente nas disciplinas Matemática Financeira, Mercado de Capitais, Orçamento

Empresarial e Análise das Demonstrações Contábeis, pois abordavam especificamente um tema da área financeira. Os conteúdos, muitas vezes, estavam distribuídos de acordo com o sumário das bibliografias citadas nas ementas.

As disciplinas Administração Financeira, Administração Financeira I, Administração Financeira II, Administração Financeira e Orçamentária I e Administração Financeira e Orçamentária II não apresentaram padrão de distribuição e ofereciam conteúdos dos diversos temas da área financeira.

Em média, os cursos analisados ofereciam 4,5 disciplinas da área. Nos extremos da análise, um único curso oferecia apenas duas disciplinas e o máximo da contagem foi a oferta de 14 disciplinas em um curso.

Em seguida, foram analisados os períodos em que eram oferecidas as disciplinas. As DCN orientam as instituições de ensino a organizar seus currículos de acordo com os regimes acadêmicos seriado anual ou seriado semestral.

Essa informação estava disponível em 266 cursos, em 1.164 ocorrências. Do total de cursos, 255 ofereciam em regime semestral e 11 em regime anual. A oferta das disciplinas na área de Finanças se concentrava no meio do curso, entre o 3º e o 6º período, totalizando 64,4% da oferta nesses períodos. As disciplinas optativas representaram 13,3% do total. Nos cursos com oferta anual, as disciplinas se concentravam nos 2º, 3º e 4º anos, representando 72% do total.

A informação da carga horária das disciplinas foi encontrada em 242 cursos. Em média, os cursos analisados oferecem 104 horas de disciplinas de Finanças. Considerando uma carga horária mínima de 3.000 horas para os cursos de graduação em Administração, definida pela resolução nº 2, de 18 de junho de 2007, esta média representa 3,5% do total da carga horária mínima dos cursos.

As obras utilizadas como bibliografia básica foram encontradas nos planos de ensino e projetos pedagógicos disponíveis nos *sites* de 100 IES e de mais 46 instituições cujos coordenadores de curso enviaram os planos por *e-mail*, assim, totalizando 146 IES e 551 disciplinas analisadas.

Desta amostra, foi observado um total de 1.788 ocorrências, com 314 títulos diferentes. A Tabela 3 apresenta as cinco obras mais individuadas. Para simplificar a apresentação, foram desconsideradas as edições, os anos e a editora de todas as obras, enfatizando o título e os autores.

Tabela 3 Obras mais individuadas como bibliografia básica

Obras	Freq.	%
GITMAN, L. J. Princípios de Administração Financeira	181	10%
ASSAF NETO, A. Finanças corporativas e valor	118	7%
MATARAZZO, D. C. Análise financeira de Balanços: abordagem básica e gerencial	63	4%
LEMES JUNIOR, A. B.; CHEROBIM, A. P. M. S.; RIGO, C. M. Administração Financeira: princípios, fundamentos e práticas brasileiras	57	3%
PUCCINI, A. L. Matemática Financeira – objetiva e aplicada	54	3%
Outras obras	1.315	50%
Total	1.788	100%

Entre as cinco obras, duas são de determinados conteúdos da área financeira – análise das demonstrações contábeis e matemática financeira – e três referem-se a obras mais abrangentes, que tratam de vários temas da área financeira. Somente a obra mais observada (GITMAN) é de origem norte-americana. Esta, atualmente, está na 12ª edição e é traduzida e comercializada pela editora Pearson.

PROPOSTA DOS CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS DA ÁREA TEMÁTICA DE FINANÇAS

O administrador financeiro, segundo Gitman (2010), é responsável pela execução das mais diversas tarefas financeiras, como planejamento, controle, avaliação de projetos que envolvem investimentos e captação de recursos para financiar as operações da empresa.

Nesse sentido, a proposta foi elaborada com base nas funções financeiras, que devem ser desenvolvidas dentro do ambiente empresarial, pelos administradores, e que são abordadas nas obras de Finanças mais utilizadas como bibliografia básica dos cursos analisados. De modo a contribuir com o ensino e o aprendizado dos conteúdos, também, foi sugerida uma determinada sequência na oferta das disciplinas dentro do curso de Administração.

Primeiro, são apresentados aos alunos os aspectos introdutórios de Finanças e seu papel na administração das empresas. Nos três semestres seguintes,

propõe-se a oferta de disciplinas que contemplem os temas relacionados às decisões financeiras de longo prazo (investimentos e financiamentos) e de curto prazo (capital de giro). Na sequência, a sugestão é a oferta de disciplinas que abordem conteúdos atinentes à análise e planejamento financeiro.

Nessa sequência, os alunos começam aprendendo como são tomadas as decisões financeiras e, em seguida, aprendem a analisar a influência dessas decisões nos resultados da empresa, depois, como fazer o planejamento e o controle dos resultados financeiros almejados.

Para o último semestre, sugere-se a abordagem de temas mais estratégicos da administração financeira, sem aprofundar nos temas, com a possibilidade de oferta de disciplinas eletivas para esses conteúdos.

Propõe-se a oferta de sete disciplinas da área de temática de Finanças. Essa quantidade é superior à média de 4,5 disciplinas dos cursos de graduação avaliados nesta pesquisa e abrange todo o curso, com exceção do primeiro período, no qual, geralmente, são ministradas as disciplinas de formação básica. As disciplinas são apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1 Disciplinas da área temática de Finanças

Disciplinas obrigatórias	Período	Carga Horária
Fundamentos de Administração Financeira	2º	80 horas
Decisões de Financiamento de Longo Prazo	3º	80 horas
Decisões de Investimentos de Longo Prazo	4º	80 horas
Gestão do Capital de Giro	5º	80 horas
Análise Econômica e Financeira	6º	80 horas
Orçamento Empresarial	7º	80 horas
Estratégias Empresariais	8º	80 horas

A proposta é de carga horária de 560 horas, o que representa 19% da carga horária total do curso, levando em consideração o mínimo exigido de 3.000 horas. Esse percentual, também, está acima da média de 104 horas dos cursos anteriormente avaliados.

No tocante às nomenclaturas, evitou-se utilizar nomes mais amplos, como “Administração Financeira”, “Administração Financeira e Orçamentária” e

“Finanças Corporativas”, denominando a disciplina de acordo com o conteúdo ofertado. Foi observado que os cursos de graduação em Administração no Brasil utilizam muito esse tipo de nomenclatura e distribuem os conteúdos de forma heterogênea, sem critério aparente quanto à distribuição dos temas.

A maioria dos cursos de Administração, 76% do total analisado, oferece uma disciplina específica de Matemática Financeira. Nessa proposta, a sugestão é fracionar o ensino desse tema para que o aluno não tenha uma sobrecarga de informações em um único período e trabalhe bem cada conteúdo nas disciplinas nas quais é necessário seu conhecimento. A distribuição será feita nas disciplinas:

- Fundamentos de Finanças: apresentar os conceitos de juros, trabalhar os conteúdos referentes aos regimes de capitalização simples e composta e cálculos de operações com séries de recebimento e pagamento uniforme.
- Decisões de Financiamento: abordar os conteúdos relacionados a sistemas de amortização.
- Decisões de Investimento: abordar os cálculos de operações com séries de pagamento e recebimentos não uniformes.

As atuais estruturas curriculares de Finanças, dos cursos de graduação em Administração, segundo Matias (2007), não fornecem ao aluno uma visão sistêmica do ambiente empresarial devido à falta de ligação entre essas disciplinas com as das outras áreas.

Nesse sentido, a sugestão é que sejam abordados, nas disciplinas: a evidenciação do relacionamento do conteúdo ministrado com o curso de maneira geral, a implicação financeira nas diversas áreas de gestão e o impacto nas decisões financeiras nas diversas decisões tomadas nas outras áreas. Também, deve ser apresentada a influência da economia em cada conteúdo ministrado.

O tópico seguinte apresenta um breve resumo de cada disciplina.

OBJETIVOS E CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS DAS DISCIPLINAS

a) Fundamentos de Administração Financeira: disciplina introdutória com o objetivo de apresentar a área financeira aos alunos. A sugestão é a abordagem

mais ampla e básica dos principais conceitos da área, apresentando ao aluno o que são as finanças, sua aplicabilidade prática dentro das organizações e na vida pessoal e a relação com as demais áreas e disciplinas do curso de Administração. Esse conteúdo pode ser dividido em quatro temas, apresentados a seguir:

- Introdução às finanças corporativas: sugere-se utilizar como material, neste tópico, os capítulos iniciais dos principais manuais de finanças e as notícias atualizadas sobre oportunidades profissionais na área financeira.
- Noções de mercado financeiro: além da utilização de livros-textos, sugere-se a utilização de notícias atualizadas de *sites* especializados em Economia e Finanças, como Valor Econômico e Exame, e acesso ao *site* do Banco Central do Brasil para que se explique a estrutura do Sistema Financeiro Nacional.
- Finanças pessoais: abordar questões relacionadas a crédito e investimentos e ensinar o aluno a fazer seu planejamento financeiro.
- Matemática financeira básica: regimes de capitalização simples e composta, taxas equivalentes e fluxo de caixa com séries uniforme. Sugere-se o ensino desse conteúdo utilizando calculadoras financeiras e planilhas eletrônicas.

b) Decisões de Financiamento de Longo Prazo: a proposta desta disciplina é apresentar ao aluno os principais aspectos que envolvem as decisões de financiamento das organizações, como fontes de recursos financeiros, o custo de capital e um panorama do funcionamento dos mercados de crédito e de capitais. Distribuição dos conteúdos:

- Técnicas de matemática financeira utilizadas nas decisões de financiamento.
- Mercado financeiro: mercado de crédito e mercado de capitais.
- Custo e estrutura de capital.
- Política de distribuição de resultados.

A utilização de dados atualizados do mercado financeiro pode enriquecer a apresentação da teoria. A sugestão é utilizar informações e notícias relacionadas ao financiamento das empresas disponíveis em *sites* de revistas

e jornais de economia, como Revista Exame, Valor Econômico, e dados disponíveis no BNDES, Banco Central do Brasil, BM&F Bovespa, Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima), entre outros.

c) Decisões de Investimento de Longo Prazo: a sugestão é trabalhar, nesta disciplina, os principais aspectos relacionados aos investimentos operacionais e financeiros e, na disciplina Estratégias Financeiras, os investimentos estratégicos. Os conteúdos seriam assim distribuídos:

- Técnicas de matemática financeira utilizadas nas decisões de investimento.
- Investimentos operacionais: os conteúdos desse tema estão relacionados aos investimentos realizados pelas organizações, sob a perspectiva do orçamento de capital.
- Investimentos financeiros: esse tipo de investimento, segundo Brigham e Ehrhardt (2007), concentra-se nas decisões tomadas pelos investidores individuais e institucionais à medida que escolhem títulos para suas carteiras de investimentos.

É importante apresentar notícias e dados atualizados sobre investimentos financeiros. A sugestão é utilizar dados da BM&F Bovespa, Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima), Portal do Investidor (cvm), Tesouro Direto e informações sobre aplicações financeiras disponíveis em *sites* de revistas e jornais de economia, como Revista Exame, Valor Econômico, Info Money, entre outros.

d) Gestão do Capital de Giro: esta disciplina trata dos aspectos operacionais e táticos da gestão financeira de curto prazo, com foco no fluxo de caixa e nas diversas atividades e decisões empresariais que afetam a liquidez da empresa. A análise do capital de giro, utilizando as demonstrações contábeis, será abordada na disciplina “Análise Econômica Financeira”. Outro ponto que dever ser destacado durante a abordagem desse tema é a relação da gestão financeira com as outras atividades da empresa.

- Introdução às Finanças de curto prazo;
- Decisões empresariais que impactam a gestão do capital de giro;
- Gestão operacional de caixa;

- Gestão de tesouraria.

Para que o aluno assimile melhor o conteúdo, sugere-se o desenvolvimento de palestras com profissionais dessa área e gerentes de bancos, para que, assim, compartilhem suas experiências profissionais sobre os temas que estão sendo discutidos em sala de aula. Outra sugestão é levar os alunos às empresas para conhecerem o funcionamento do departamento financeiro e as rotinas diárias na gestão do capital de giro.

e) Análise econômica financeira: o principal objetivo desta disciplina é ensinar as principais técnicas de análise econômica financeira, desse modo, permitindo que o aluno visualize o impacto das decisões empresariais nos resultados da organização. O aluno, também, deve ser orientado na explicação dos resultados, por meio de relatórios gerenciais e apresentações para pessoas interessadas, tais como acionistas, gestores e bancos. Principais conteúdos:

- Estrutura das principais demonstrações contábeis
- Análise vertical e horizontal
- Análise do desempenho empresarial
- Análise da gestão de caixa
- Análise da gestão de valor
- Elaboração de relatórios gerenciais e apresentação dos resultados

Nas análises, o aluno deve ser conduzido a refletir sobre os motivos da variação dos resultados econômicos relacionados às decisões financeiras tomadas e às decisões das demais áreas da empresa.

f) Orçamento Empresarial: o objetivo da disciplina é apresentar ao aluno como as decisões empresariais devem ser planejadas, para que se atinjam resultados predeterminados, tendo como meta a criação de valor econômico. Serão trabalhados os seguintes aspectos:

- Apresentação dos conceitos básicos de orçamento
- Sistema orçamentário
- Modelo de gestão econômica para criação de valor
- Orçamento operacional
- Orçamento financeiro
- Projeção das demonstrações contábeis

- Controle orçamentário

Nesta disciplina, é importante o uso de um estudo de caso completo, que envolva a elaboração total de um orçamento para facilitar o entendimento do aluno. Outras metodologias sugeridas são palestras com profissionais que atuem nessa área e que sejam solicitadas, aos alunos, atividades que envolvam a elaboração do orçamento de uma empresa real.

g) Estratégias Financeiras: a proposta desta disciplina é apresentar temas importantes na estratégia financeira das empresas: finanças internacionais, fusões e aquisições, gestão de riscos financeiros e governança corporativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de Finanças tem recebido atenção em periódicos internacionais desde o início do século xx, onde diversos temas foram discutidos, como a oferta de conteúdos específicos da área, as metodologias utilizadas, a atitude dos alunos com relação ao ensino e a percepção entre a teoria e a prática dos profissionais da área.

Ao longo do tempo, essa área vem sofrendo diversas mudanças em resposta aos movimentos das condições econômicas, dos mercados e do mundo dos negócios, assim, exigindo maior especialização do administrador financeiro e constante atualização do seu ensino.

Nesse sentido, o presente trabalho busca contribuir com o debate de novas propostas de ensino, com a sugestão de um conteúdo programático para a área temática de Finanças, nos cursos de graduação em Administração.

No Brasil, as Diretrizes Curriculares Nacionais definem as áreas específicas dos conteúdos de formação profissional que devem ser contempladas na organização curricular dos cursos de graduação, porém não sugerem ou detalham quais conteúdos devem ser oferecidos em cada uma dessas áreas.

A proposta coloca a oferta de sete disciplinas, distribuídas ao longo da matriz curricular do curso, de acordo com os seus objetivos. Primeiro, sugere-se a oferta de uma disciplina que apresente as noções gerais de Finanças e que aborde, também, conteúdos de Finanças Pessoais.

Nos três semestres seguintes, a sugestão é a oferta de disciplinas que tratem das grandes decisões financeiras de longo prazo (financiamento e investimentos) e de curto prazo (gestão do capital de giro). O objetivo é o aluno conhecer as principais características e como devem ser tomadas as decisões financeiras na administração das organizações, entendendo o impacto no resultado global e sua relação com as decisões das outras áreas da empresa.

Nos semestres seguintes, sugere-se a oferta de uma disciplina de análise econômica financeira que ensine o aluno a identificar e avaliar os resultados provenientes das decisões financeiras e empresariais, apresentadas nas disciplinas anteriores, e uma que aborde o planejamento financeiro das

diversas atividades empresariais e os resultados estabelecidos como meta, por meio do orçamento empresarial.

A sugestão da oferta dessas duas disciplinas mais ao final do curso se deve à possibilidade de o aluno já ter cursado as principais disciplinas das outras áreas, que envolvem as grandes funções administrativas: *marketing*, recursos humanos e produção e operações, assim, permitindo que o aluno visualize a relação e as implicações das diversas áreas da empresa na análise e no planejamento financeiro.

Para o último semestre, sugere-se a oferta de uma disciplina que focalize temas mais estratégicos e atuais, como finanças internacionais, fusões e aquisições, gestão de riscos e governança corporativa.

Nesse contexto, este estudo pode oferecer contribuições aos coordenadores dos cursos de Administração na elaboração e atualização do projeto pedagógico do curso, bem como para os docentes da área, como sugestão de conteúdos programáticos para as disciplinas da área de Finanças.

A limitação deste estudo está relacionada aos planos de ensino dos cursos de graduação analisados. É possível que o docente deixe de abordar determinados conteúdos e que utilize outras obras como bibliografia em relação ao que está definido no plano de ensino.

Outra limitação se refere à qualificação dos cursos de graduação no Brasil. Atualmente, o MEC avalia os cursos por meio do Enade. Esse fato pode influenciar coordenadores e docentes a direcionarem o ensino dos conteúdos do curso de modo a atender às exigências do exame, a adotar um possível conteúdo programático, elaborado de modo a suprir necessidades de conhecimento do administrador financeiro.

Ao considerar os resultados obtidos neste trabalho, assinala-se o desenvolvimento de trabalhos semelhantes de modo a contribuir com a qualidade do ensino nos cursos de graduação em Administração, para tanto, dando ênfase a outras áreas, como *marketing*, recursos humanos, produção e operações e controladoria. Outra sugestão seria ampliar a pesquisa do ensino de Finanças, analisando a matriz curricular e os planos de ensino dos demais cursos de graduação, como Ciências Contábeis, Economia e Engenharia de Produção.

REFERÊNCIAS

- AGGARWAL, R. Theory and practice in finance education: or why we shouldn't just ask them. **Financial Practice & Education**, v. 3, n. 2, p. 15-18, 1993.
- ARCHER, S. H.; D'AMBROSIO, C. A. **Administração financeira: teoria e aplicação**. São Paulo: Atlas, 1969.
- ASSAF NETO, A. **Finanças corporativas e valor**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- AZEVEDO, C. E. F.; OLIVEIRA, L.G.L.; ABDALLA, M.M.; GONZALEZ, R.K.; RIBEIRO, A.J.G.; HOLPERIN, M.M. O interesse dos estudantes de graduação em administração pela área de finanças. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 13, n. 6, p. 168-196, 2012.
- BOSLAND, C. C. Introduction to business finance: review by: Chelcie C. Bosland. **The American Economic Review**, v. 43, n. 4, p. 685-687, 1953.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer nº CNE/CES 67/2003, de 11 de março de 2003**. Referencial para as Diretrizes Curriculares Nacionais – DCN dos Cursos de Graduação. Brasília, 2003. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2003/pces067_03.pdf>. Acesso em: 21/10/2015.
- BRASIL. Ministério da Educação. **O que é o Conceito Preliminar de Curso?** 2015. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/proind/127-perguntas-frequentes-911936531/educacao-superior-399764090/13074-o-que-e-o-conceito-preliminar-de-curso>>. Acesso em: 28/08/2015.
- BRIGHAM, E. F.; FISCHER, D.E.; JONHSON, K.B.; JORAN, R.J. What makes short cases work in the basic finance course? **Journal of Financial Education**, v. 1, n. 1, p. 65-68, 1972.
- BRIGHAM, E. F.; EHRHARDT, M. C. **Administração financeira: teoria e prática**. 10. ed. São Paulo: Thomson Learning, 2007.
- BROUNEN, D.; JONG, A.; KOEDIJK, K. Corporate finance in Europe: confronting theory with practice. **Financial Management**, v. 33, n. 4, p. 71-101, 2004.
- BRUNER, R. F.; GUP, B.E.; NUNNALLY JR., B.H.; PETTIT, L.C. Teaching with cases to graduate and undergraduate students. **Financial Practice and Education**, v. 9, n. 1, p. 138-146, 1999.
- CHANG, S. J. A theoretical discussion on financial theory: what should we teach and how? **Journal of Economics and Finance Education**, v. 4, n. 2, p. 39-48, 2005.
- CHEROBINO, V. **Crescem as oportunidades na área de finanças**. 18 jun. 2012. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/carreira/noticias/crescem-as-oportunidades-na-area-de-financas?page=1>>. Acesso em: 02/05/2014.
- CORDEIRO, A. R.; SILVA, A. B. Os estilos de aprendizagem influenciam o desempenho

acadêmico dos estudantes de finanças? **Revista de Administração UFSM**, v. 5, n. 2, p. 243-261, 2012.

COSTA, S. **A hora dos profissionais de finanças é agora**. 16 maio 2014. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/revista-voce-sa/edicoes/192/noticias/hora-dos-profissionais-de-financas>>. Acesso em: 29/09/2015.

COVAL, J. D.; GADZIK, J.; STAFFORD, E. **Deriving by doing: a new approach to teaching finance**. 2007. Disponível em: <<http://ssrn.com/abstract=996229>>. Acesso em: 17/06/2015.

CROWELL, J. F. Corporation finance: review by: John Franklin Crowell. **Political Science Quarterly**, v. 12, n. 3, p. 529-531, 1897.

CUNNINGHAM, N. J. The theory of financial management by Ezra Solomon. **Economica, New Series**, v. 31, n. 122, p. 213, 1964.

DATAR, V.; EMM, E. E. Demystifying free cash flow valuation. **Journal of Economics and Finance Education**, v. 13, n. 2, p. 54-67, 2014.

DEMONG, R. F.; PETTIT, L. C.; CAMPSEY, B. J. Finance curriculum for the future: perceptions of practitioners versus academicians. **Journal of Financial Education**, Philadelphia, v. 8, n. 1, p. 45-48, 1979.

DIDIA, D.; HASNAT, B. The determinants of performance in the university introductory finance course. **Financial Practice and Education**, v. 8, n. 1, p. 102-107, 1998.

EITEMAN, D. K.; SMITH, K. V. A portfolio analysis of teaching of investments. **Journal of Financial and Quantitative Analysis**, v. 9, n. 5, p. 771-780, 1974.

FINCH, J. H.; FRASER, S. P.; SCHEFF, S. R. Teaching the CAPM in the introductory finance course. **Journal of Economics and Finance Education**, v. 10, n. 1, p. 77-82, 2011.

GHISI, A. F.; FAMÁ, R.; PIMENTA, T. J. Uma estratégia didática para o ensino de economia e finanças internacionais. In: SEMEAD, 5., 2001, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2001. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/semead/5semead/>>. Acesso em: 26/04/2014.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GITMAN, L. J. **Princípios de administração financeira**. 12.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

GITMAN, L. J.; LEWIS, W. F.; YATES, R. M. An approach for assessing, selecting, and using finance cases. **Journal of Financial Education**, v. 1, n. 16, p. 56-64, 1987.

GOMES, A. C. C.; NOGUEIRA, C. M. S.; MOL, A. L. R. Concepções e atitudes em relação a disciplina de administração financeira. **REGE**, v. 20, n. 2, p. 183-200, 2013.

GRADDY, D. B. Mapping the components of finance cases using the cognitive flexibility model. **Journal of Economics and Finance Education**, v. 3, n. 1, p. 1-20, 2004.

GRAHAM, J. R.; HARVEY, C. R. The theory and practice of corporate finance: evidence from the field. **Journal of Financial Economics**, v. 60, n. 2, p. 187-243, 2001.

- GRAHAM, J. R. Using CFO surveys as a motivational tool to teach corporate finance. **The Financial Review**, v. 46, n. 2, p. 193-205, 2011.
- GROSSMANN, A.; CHATHAM, M.D.; STÖTTNER, R.; GÖRLITZ, R. USING videoconferencing to solve a business finance problem: challenges and lessons learned from a transatlantic experience. **Journal of Economics and Finance Education**, v. 13, n. 1, p. 14-27, 2014.
- INEP. **Conceito Preliminar de Curso – CPC**. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/educacao-superior/indicadores/cpc>>. Acesso em: 12/01/2015.
- KAZEMI, H. S. Using bloomberg real-time data and analytics to teach economics and finance. **Journal of Economics and Finance Education**, v. 14, n. 1, p. 79-93, 2015.
- KRISHNAN, V. S.; BATHALA, C. T.; BHATTACHARYA, T. K.; RITCHEY, R. Teaching the introductory finance course: what can we learn from students perceptions and expectations? **Financial Practice and Education**, v. 9, n. 1, p. 70-82, 1999.
- LAI, M. M.; KWAN, J. H.; KADIR, H. A.; ABDULLAH, M.; YAP, V. C. Effectiveness, teaching, and assessments: survey evidence from finance courses. **Journal of Education for Business**, v. 85, n. 1, p. 21-29, 2009.
- LUNDSTEN, L.; DAUGHERTY, M.; SHOVEIN, J.; SULLIVAN, M.; BECKMANN, H.; VANG, D. Why don't we just ask them – do finance practitioners read academic research? **Humanomics**, v. 29, n. 3, p. 232-235, 2013.
- MAHAR, J.; PAUL, R. Using sports to teach finance and economics. **Journal of Economics And Finance Education**, v. 9, n. 2, p. 43-53, 2010.
- MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- MALLIN, C.; PINDADO, J.; TORRE, L. C. **Corporate governance influence on teaching in corporate finance: The corporate finance and governance view**. 2005. Disponível em: <<http://ssrn.com/abstract=796988>>. Acesso em: 05/09/2015.
- MATIAS, A. B.; LOPES, F. J. **Administração financeira nas empresas de pequeno porte**. São Paulo: Manole, 2002.
- MOREIRA, M. A. P.; FONTENELE, R. E. S. A aplicação e um método ativo de ensino com a utilização de um simulador empresarial voltado à administração financeira. **Revista Razão Contábil & Finanças**, v. 2, n. 1, p. 1-16, 2011.
- MOULTON, H. G. Possibilities of a general-survey course in finance. **Journal of Political Economy**, v. 29, n. 5, p. 368-394, 1921.
- OLIVEIRA, S. L. **Tratado de metodologia científica**. 3.ed. São Paulo: Pioneira, 2001.
- PAYNE, P. H.; FINCH, J. W. Effective teaching and use of the constant growth dividend discount model. **Financial Services Review**, v. 8, n. 4, p. 283-289, 1999.
- PETRY, G. H.; SPROW, J. The theory and practice of finance in the 1990s. **Quarterly Journal of Economics and Finance**, v. 33, n. 4, p. 359-381, 1993.

PINDADO, J. A **New topic for teaching in corporate finance**: how to avoid investment inefficiencies. 2003. Disponível em: <<http://ssrn.com/abstract=474641>>. Acesso em: 05/09/2015.

RAEHSLER, R. D.; HUNG, K.; YANG, C.W.; STUHLBREHER, T.J. Are mathematics, economics, and accounting courses important determinants in financial management: a rank order approach? **Journal of Financial Education**, v. 11, n. 1, p. 48-59, 2012.

RAMIREZ, G. G.; WALDMAN, D. A.; LASSER, D. J. Research needs in corporate finance: perspectives from financial managers. **Financial Management**, v. 20, n. 2, p. 17-29, 1991.

RAMIREZ, M. H. Propuesta de actualización curricular en las finanzas latinoamericanas. **Revista de las Sedes Regionales**, v. 19, n. 10, p. 62-71, 2009.

ROBERTS, H. V. Current problems in the economics of capital budgeting. **The Journal of Business**, v. 30, n. 1, p. 12-16, 1957.

SHELTON, J. P. Developments in the curriculum and teaching of finance: discussion. **The Journal of Finance**, v. 21, n. 2, p. 423-434, 1966.

SIMKINS, B. J. **An innovative approach to teaching finance**: using live cases in the case course. 2001. Disponível em: <<http://ssrn.com/abstract=271729>>. Acesso em: 17/09/2015.

SOLOMON, E. What should we teach in a course in business finance? **The Journal of Finance**, v. 21, n. 2, p. 411-415, 1966.

TRAHAN, A. E.; GITMAN, L. J. Bridging the theory-practice gap in corporate finance: a survey of chief financial officers. **The Quarterly Review of Economics and Finance**, v. 35, n. 1, p. 73-87, 1995.

TRINE, J. A.; SCHELLENGER, M. H. In an upper level corporate finance course. **Academy of Educational Leadership Journal**, v. 3, n. 2, p. 91-99, 1999.

UPTON, M. Materials and methods of teaching business finance: a synthesis. **The Journal of Finance**, v. 5, n. 3, p. 289-292, 1950.

VAN HORNE, J. C. **Política e administração financeira**. São Paulo: EDUSP, 1974.

VIHTELIC, J. L. Personal finance: an alternative approach to teaching undergraduate finance. **Financial Services Review**, v. 5, n. 2, p. 119-131, 1996.

WALKER, C. F. Developments in the curriculum and teaching of finance: discussion. **The Journal of Finance**, v. 21, n. 2, p. 423-434, 1966.

WEAVER, S. Why don't we just ask them? **Financial Practice and Education**, v. 3, n. 2, p. 11-13, 1993.

WENDT, P. F. What should we teach in an investments course? **The Journal of Finance**, v. 21, n. 2, p. 416-422, 1966.

WESTON, J. F.; BRIGHAM, E. F. **Fundamentos da administração financeira**. 12.ed. São Paulo: Makron Books, 2004.

DADOS DOS AUTORES

EDUARDO RIBEIRO RODRIGUES* EDURIRO@GMAIL.COM

Doutor em Administração das Organizações pela FEA/RP (USP)

Instituição de vinculação: Instituto Federal de São Paulo

Matão/SP – Brasil

Áreas de interesse em pesquisa: Educação Financeira; Ensino de Administração e Gestão Capital de Giro.

* *Rua Stéfano D'avassi, 625 Nova Cidade Matão/SP 15991-502*

ALBERTO BORGES MATIAS ALBERTOBORGESMATIAS@GMAIL.COM

Livre Docente em Administração Financeira pela FEA/SP (USP)

Instituição de vinculação: Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo

Ribeirão Preto/SP – Brasil

Áreas de interesse em pesquisa: Administração Financeira; Crédito; *Banking* e Estratégia Financeira.